

[...]

Alguém que tem tanta preocupação com a língua, considera que a língua portuguesa é bem tratada? Por exemplo, o novo acordo ortográfico.

Há 20 anos andei envolvido na discussão sobre o acordo ortográfico e até tenho hoje a noção de que, às vezes, fui um bocadinho excessivo. O que na altura me pareceu foi que estávamos a usar uma espécie de diplomacia permissiva e a facilitar muito em determinadas questões em relação ao Brasil. O Saramago dizia em tempos que “esta coisa da ortografia é para revisores”. E de facto é. Ou seja, não vou mudar absolutamente nada na maneira como escrevo. Não me vou preocupar, para mais com a idade que tenho, em aprender o novo acordo ortográfico. Vou escrever exactamente como escrevia e alguém da editora adaptará o livro às novas regras que não são assim tantas como isso. Agora que há factores de deterioração da língua há e são muito graves. Por um lado, devido à influência das televisões. Ao contrário do que se pensa as televisões dão-nos um mundo fechado e têm limitado o vocabulário e até as construções sintáticas. A língua que se fala na televisão, com o propósito, dizem eles, de estar ao nível da maioria dos espectadores e de alinhar pelo mínimo denominador comum, acaba por ser uma língua extremamente simplificada e limitada no número de palavras. A televisão coloca-se naquele que considera ser o nível médio da população, que é baixíssimo e, como influencia muita gente, tem propagado a iliteracia. É lamentável, mas há que dizê-lo: mesmo as televisões do Estado, obrigadas ao serviço público, têm propagado a iliteracia, de uma maneira escandalosa. Mas também o ensino. Quando nós cortamos a memória da língua, quando deixamos de mencionar a etimologia, a origem das palavras, esquecendo que as palavras também têm memória e que têm uma multiplicidade de sentidos, estamos a tratar mal a língua. E quando se corta do ensino grandes textos da literatura estamos a convidar também os jovens a usar o nível mais baixo e mais limitado da língua portuguesa. O que se tem feito no ensino em relação à nossa literatura – e quando falo da nossa literatura, refiro uma literatura que tem oito séculos -, divorciando completamente os jovens dessa memória, está-se a contribuir fortemente para a degradação da língua. Há responsáveis nos dois lados: na televisão do Estado e no ensino. Um outro facto que me parece importante, e não apenas em Portugal ou na comunicação social, é o que se está a passar no Brasil, onde há uma classe média que está a emergir que vem de casas em que não havia livros – um pouco como a nossa, mas em proporções muito maiores – e muito pouco se tem feito lá pela consciência e o respeito pela língua. É um desvio preocupante e o português pode transformar-se numa outra coisa qualquer. E isto é tanto mais lamentável quanto o Brasil tem alguns dos grandes escritores da língua portuguesa variante do Brasil de sempre. Corremos o risco de ter uma língua ajamaicada, algo a fugir para o crioulo.

[...]

em entrevista à revista Seara Nova, em 2010

Denegação por anáfora merencória

Eu nunca fui obrigado a fazer a saudação fascista aos «meus superiores». Eu nunca andei fardado com um uniforme verde e amarelo de S de Salazar à cintura. Eu nunca marchei, em ordem unida, aos sábados, com outros miúdos, no meio de cânticos e brados militares. Eu nunca vi os colegas mais velhos serem levados para a «milícia», para fazerem manejo de arma com a Mauser. Eu nunca fui arregimentado, dias e dias, para gigantescos festivais de ginástica no Estádio do Jamor. Eu nunca assisti ao histerismo generalizado em torno do «Senhor Presidente do Conselho», nem ao servilismo sabujo para com o «venerando Chefe do Estado». Eu nunca fui sujeito ao culto do «Chefe», «chefe de turma», «chefe de quina», «chefe dos contínuos», «chefe da esquadra», «chefe do Estado». Eu nunca fui obrigado a ouvir discursos sobre «Deus, Pátria e Família». Eu nunca ouvi gritar: «quem manda? Salazar, Salazar, Salazar». Eu nunca tive manuais escolares que ironizassem com «os pretos» e com «as raças inferiores». Eu nunca me apercebi do «dia da Raça». Eu nunca ouvi louvar a acção dos «Viriatos» na Guerra de Espanha. Eu nunca fui obrigado a ler textos escolares que convidassem à resignação, à pobreza e ao conformismo; Eu nunca fui pressionado para me converter ao catolicismo e me «baptizar». Eu nunca fui em grupos levar géneros a pobres, politicamente seleccionados, porque era mesmo assim. Eu nunca assisti á miséria fétida dos hospitais dos indigentes. Eu nunca vi os meus pais inquietados e em susto. Eu nunca tive que esconder livros e papéis em casa de vizinhos ou amigos. Eu nunca assisti à apreensão dos livros do meu pai. Eu nunca soube de uma cadeia escura chamada o Aljube em que os presos eram sepultados vivos em «curros». Eu nunca convivi com alguém que tivesse penado no Tarrafal. Eu nunca soube de gente pobre espancada, vilipendiada e perseguida e nunca vi gente simples do campo a ser humilhada e insultada. Eu nunca vi o meu pai preso e nunca fui impedido de o visitar durante dias a fio enquanto ele estava «no sono». Eu nunca fui interpelado e ameaçado por guardas quando olhava, de fora, para as grades da cadeia. Eu nunca fui capturado no castelo de S. Jorge por um legionário, por estar a falar inglês sem ser «intérprete oficial». Eu nunca fui conduzido à força a uma cave, no mesmo castelo, em que havia fardas verdes e cães pastores alemães. Eu nunca vi homens e mulheres a sofrer na cadeia da vila por não quererem trabalhar de sol a sol. Eu nunca soube de alentejanos presos, às ranchadas, por se encontrarem a cantar na rua. Eu nunca assisti a umas eleições falsificadas, nunca vi uma manifestação espontânea ser reprimida por cavalaria à sabrada; eu nunca senti os tiros a chicotear pelas paredes de Lisboa, em Alfama, durante o Primeiro de Maio. Eu nunca assisti a um comício interrompido, um colóquio desconvidado, uma sessão de cinema proibida. Eu nunca presenciei a invasão dum cineclube de jovens com roubo de ficheiros, gente ameaçada, cartazes arrancados. Eu nunca soube do assalto à Sociedade Portuguesa de Escritores, da prisão dos seus dirigentes. Eu nunca soube da lei do silêncio e da damnatio memoriae que impedia sobre os mais prestigiados intelectuais do meu país. Eu nunca fui confrontado quotidianamente com propaganda do estado corporativo e nunca tive de sofrer as campanhas de mentalização de locutores, escribas e comentadores da Rádio e da Televisão. Eu nunca me dei conta de que houvesse censura à imprensa e livros proibidos. Eu nunca ouvi dizer que tinha havido gente assassinada nas ruas, nos caminhos e nas cadeias. Eu nunca baixei a voz num café, para falar com o companheiro do lado. Eu nunca tive de me preocupar com aquele homem encostado ali à esquina. Eu nunca sofri nenhuma carga policial por

reclamar «autonomia» universitária. Eu nunca vi amigos e colegas de cabeça aberta pelas coronhas policiais. Eu nunca fui levado pela polícia, num autocarro, para o Governo Civil de Lisboa por indicação de um reitor celerado. Eu nunca vi o meu pai ser julgado por um tribunal de três juízes carrascos por fazer parte do «organismo das cooperativas», do PCP, com alguns comerciantes da Baixa, contabilistas, vendedores e outros tenebrosos subversivos. Eu nunca fui sistematicamente seguido por brigadas que utilizavam um certo Volkswagen verde. Eu nunca tive o meu telefone vigiado. Eu nunca fui impedido de ler o que me apetecia, falar quando me ocorria, ver os filmes e as peças de teatro que queria. Eu nunca fui proibido de viajar para o estrangeiro. Eu nunca fui expressamente bloqueado em concursos de acesso à função pública. Eu nunca vi a minha vida devassada, nem a minha correspondência apreendida. Eu nunca fui precedido pela informação de que não «oferecia garantias de colaborar na realização dos fins superiores do Estado». Eu nunca fui objecto de comunicações «a bem da nação». Eu nunca fui preso. Eu nunca tive o serviço militar ilegalmente interrompido por uma polícia civil. Eu nunca fui julgado e condenado a dois anos de cadeia por actividades que seriam perfeitamente quotidianas e normais noutro país qualquer; Eu nunca estive onze dias e onze noites, alternados, impedido de dormir, e a ser quotidianamente insultado e ameaçado. Eu nunca tive alucinações, nunca tombei de cansaço. Eu nunca conheci as prisões de Caxias e de Peniche. Eu nunca me dei conta, aí, de alguém que tivesse sido perseguido, espancado e privado do sono. Eu nunca estive destinado à Companhia Disciplinar de Penamacor. Eu nunca tive de fugir clandestinamente do país. Eu nunca vivi num regime de partido único. Eu nunca tive a infelicidade de conhecer o fascismo.

setembro, 2012

.....